

O JESUS DA FÉ: EM BUSCA DO CRISTO DOS APÓSTOLOS

Danilo Dourado Guerra¹

RESUMO

Este artigo é produzido na esfera da Teologia Contemporânea e das suas perspectivas em relação à história de Jesus Cristo. Tendo como objeto de pesquisa o chamado Jesus Histórico, a partir de levantamentos bibliográficos, procuraremos refletir sobre a verdadeira origem e sentido da fé cristã. Em um mundo onde a tendência humana está no ‘ver para crer’, a mensagem proclamada nas Escrituras nos convida ao ‘crer para ver’. Assim, veremos os textos do Novo Testamento, não como um arsenal de documentos arqueológicos que comprovam a existência de Cristo, mas sim como um memorial daqueles que creram em sua ressurreição e tiveram suas vidas transformadas por ele, pois em suas linhas constatamos experiências, esperanças e certezas sobre um Jesus ressurreto, que alcança o homem no seu tempo, que independe de provas para ser Deus e que necessita somente de fé para ser visto e vivido.

Palavras-chave: Jesus. Fé. História. Teologia Contemporânea.

ABSTRACT

This article is produced in the sphere of Contemporary Theology and its perspectives on the story of Jesus Christ. Having as object of research called the Historical Jesus, from literature surveys, try to reflect on the true origin and meaning of the Christian faith. In a world where the human tendency is ‘to see to believe’, the message proclaimed in Scripture invites us ‘to believe to see’. Thus, we see the texts of the New Testament not as an arsenal of archaeological documents that prove the existence of Christ, but as a memorial to those who believed in his resurrection and had their lives transformed by it. For in their lines we see experiences, hopes and certainties about a resurrected Jesus that reaches man in his time, independent of evidence for God, and that only requires faith to be seen and experienced.

Keywords: Jesus. Faith. History. Contemporary Theology.

¹Mestrando em Ciências da Religião pela PUC-GO, bacharel em Teologia pela Faculdade FAIFA e pelo Seminário Teológico Batista Nacional (SETEBAN-GO). E-mail: daniloatlanta@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo realmente fez história. Não há como negar que várias pessoas ao longo dos tempos tiveram e têm vontade de saber a seu respeito de alguma forma. Alguns tentam encontrá-lo de forma científica, outros de forma mística. Muitos buscam explicações sobre a realidade e a veracidade da sua existência, vida e obra. Outros consideram a sua mensagem como uma referência ética a ser respeitada e compartilhada, mas sem conotações metafísicas, baseados em padrões naturalistas. Há também os que trabalham objetivando comprovar a sua não 'existência' atribuindo a Jesus um caráter mitológico, utilizando-se da ciência em prol da própria ciência e contra a manifestação da fé religiosa. Assim, a fragmentação de concepções e intenções a respeito de Jesus Cristo tem levado a sociedade a uma busca incessante e quase interminável no sentido de encontrar a verdade sobre esse homem incontestavelmente admirável.

Desta forma, acadêmicos têm se esforçado para construir, reconstruir, e até mesmo desconstruir a figura de Jesus Cristo pintada pelos que escreveram a maior e quase única fonte concreta de informações sobre ele: A Bíblia Sagrada. A tentativa de descobrir um Jesus antagônico ao que se afirma sobre ele nos evangelhos, de redescobri-lo através de expedições arqueológicas, e até mesmo de não encontrá-lo, tem sido a motivação de muitas pessoas.

Vivemos num mundo em que a necessidade da comprovação histórica de Jesus Cristo tem fechado os olhos para a cruz vazia dentro da história. Em um contexto onde a Bíblia tem sido cada vez mais posta em cheque quanto ao seu conteúdo e veracidade, porque acreditar no Jesus da Bíblia? Porque não acreditar em um Cristo diferente, segundo os pressupostos e a conveniência? Ou pelo menos esforçar-se para encontrá-lo? Em uma realidade contemporânea onde o misticismo e várias seitas têm procurado um Jesus que se molde a sua religião, até que ponto o Jesus da fé tem sido o Jesus dos púlpitos?

Em uma época em que se prega a 'fé na fé', e que quanto menos se conhece sobre Jesus, mais se especula sobre ele, somos levados a refletir em quem realmente repousa a nossa fé, visto que a busca sempre existirá. Entretanto, enquanto alguns buscam o Jesus histórico, e outros buscam o 'não Cristo', estarei na interminável e eterna busca pelo verdadeiro Jesus da fé, que se inicia didaticamente nesse discurso, entretanto, não se finaliza no mesmo.

1 O JESUS HISTÓRICO

“Ainda um pouco e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo e vós vivereis” (Jo 14.19).

Antes de abordarmos a questão do Jesus histórico, devemos nos reportar ao pano de fundo histórico que incentivou homens no seu tempo a pensarem na figura ímpar de Cristo de um modo diferente. Refiro-me a era do iluminismo² que se instalou no continente europeu a partir do século XVIII. Durante este século ocorreu profunda transformação científica e cultural. As raízes desta era e suas ideias encontram-se no humanismo da Renascença, no socianismo, bem como no deísmo da Inglaterra do século XVII. Neste momento, o conceito metafísico de formas substanciais foi substituído por um conceito empírico e atomista da realidade. Anteriormente, o mundo espiritual, concentrado em Deus (*Ens supremum*), era considerado a realidade suprema mais elevada, porém, na era do iluminismo, os olhos dos homens se voltaram para o mundo material com toda sua diversidade. O pensamento racionalista se evidenciava na tentativa de explicar o mundo com base nos princípios da razão humana, onde a investigação empírica passou a ser interesse primordial.

A concepção religiosa e teológica da sociedade também foi influenciada pelos pressupostos iluministas, que impulsionaram uma realidade crítica sobre as ideias e dogmas da religião pré-estabelecidos, além de questionamentos sobre o conteúdo e essência da palavra de Deus e porque não sobre a realidade histórica do personagem mais conhecido entre a sociedade ocidental: Jesus Cristo. Essas críticas racionalistas do iluminismo foram assumidas pela Teologia Liberal. Então, o problema do *Jesus Histórico* recebeu o nome geral de ‘Investigações sobre a vida de Jesus’.

O questionamento que confrontava a fé reformada de uma geração a respeito da existência de Jesus e o âmbito da crítica e dos historiadores em encontrar fragmentos extra bíblicos que autenticassem ou modificassem a história bíblica de Cristo, deu origem à busca pelo Jesus Histórico.

Mas seria a busca por um Jesus histórico uma tentativa de desmitificar um mito? Ou uma tentativa de reafirmar a fé através de comprovações concretas? Ou o anseio do homem de se libertar da fé simples, em busca de algo que o conforte mais do que o que já acredita?

²Sobre o Iluminismo ver livro História da Igreja Cristã. (NICHOLS, 1992. p. 223,224.).

Nesse sentido, veremos a discussão entre teólogos-historiadores a respeito desse anseio do ser humano por descobrir algo, ou algo mais de Jesus Cristo ou mesmo desconstruí-lo.

Jesus histórico é aquele que podemos resgatar retomar ou reconstruir, utilizando os instrumentos científicos da moderna pesquisa histórica. Considerando-se o estado fragmentário de nossas fontes e a natureza muitas vezes indireta dos argumentos que devemos usar, este 'Jesus histórico' será sempre um constructo científico, uma abstração teórica que não coincide, nem pode coincidir, com a realidade plena do Jesus de Nazaré que de fato viveu e trabalhou na Palestina no primeiro século da nossa era (MEIER, 1992, p. 11).

Porém, o homem realmente necessita de uma busca empírica sobre Jesus para encontrar o que de fato procura? Nesse sentido o Jesus histórico pode ser visto como um anseio.

2 A SEPARAÇÃO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O JESUS DA HISTÓRIA

O primeiro olhar que considerou o fator fé com relação à realidade histórica de Jesus, dentro de um furacão racionalista provocado pela crítica liberal, foi o de Martin Kähler. Ele “aprovou os resultados das pesquisas históricas do século XIX, mas rejeitou as ideias extremistas segundo as quais Jesus nunca teria existido; teria sido na verdade, um mito historicizado” (ZUURMOND, 1998, p. 29). Também rejeitou a tentativa dos teólogos liberais de tentar descrever um retrato do Jesus histórico, visto que as fontes existentes, principalmente os evangelhos, não visavam apresentar uma biografia de Jesus no sentido moderno do termo. Os evangelhos seriam na realidade uma base que fundamentaria a proclamação de Cristo por parte da igreja. Para Kähler, o objetivo dos evangelhos não era apresentar uma descrição erudita da pessoa de Jesus, mas sim estabelecer o caráter querigmático da igreja e, conseqüentemente, da fé.

Enquanto os liberais tentavam encontrar o Jesus material dentro e fora das Escrituras, “Kähler acreditava no princípio da causalidade, ele insistiu que somente o Cristo descrito nos Evangelhos, em quem habitou o sobrenatural, é suficientemente grande para ser responsabilizado pelo surgimento da fé cristã” (LADD, 2003, p. 234). No ano de 1892, Kähler

publicou o livreto intitulado *Der sogenannte historische Jesus und der geschichtliche biblische Christus* (O Assim Chamado Jesus Histórico e o Cristo Bíblico Histórico). Ele distinguiu entre *historisch* e *geschichtlich*, o Jesus histórico e o Cristo da história.

Assim, o Jesus histórico seria “a criação do método histórico-crítico, um caminho que não conduz a parte alguma. O Jesus da história é o Cristo que viveu na história, o bíblico, dos evangelhos” (LADD, 2003, p. 234). Como *historisch*, o Jesus histórico referia-se ao que a ciência moderna da história incorpora ao seu cabedal de fatos concretos, *Geschichtlich*, o Jesus da história. Por outro lado, era empregado com referência ao histórico baseado em seu significado para a humanidade, ou para os homens de nosso tempo.

Para Kähler, a fé não apenas se relacionaria com o histórico, mas também com o que se situa além da história, que é revelado através dos testemunhos bíblicos. Porém, a questão do Cristo ‘além da história’ abordada por ele não dava motivos para se acreditar somente no transcendente ou na concepção do eterno independente dos fatos bíblicos. O Jesus da fé pode estar além da história, no que se refere ao seu caráter transcendental e eterno, mas ao mesmo tempo deve fazer parte da história. Nesse mesmo sentido, o Cristo da fé pode ter dimensões além da Bíblia, mas não aquém da Bíblia. O Jesus da história está consolidado e ligado indivisivelmente à realidade bíblica, e toda fé só será messiânica de fato se for baseada e fundamentada em sua identidade humana e divina encontrada nas Escrituras.

Bultmann deslocou a questão do ‘histórico’ ampliando o conceito de mito, e afirmou que o Jesus que sustenta a igreja é o Cristo da fé. Para ele seria impossível alcançar o Jesus Histórico, uma vez que os documentos bíblicos resultaram da visão de fé da igreja primitiva. “Conhecemos a figura de Jesus apenas numa transformação helenística, sincretista, mitológica. É praticamente impossível libertar deste invólucro o Jesus histórico”. (ZUURMOND, 1998, p. 34). Nesse sentido, o nosso foco passa a ser o Cristo bíblico, apesar de o mesmo não ser um consenso quanto a sua essência e obra. Porém, o mesmo documento bíblico, sendo uma realidade histórica, seria reflexo de testemunhos de uma fé que não pode ser alcançada ou interpretada por pressupostos científicos. Isso acarreta mais uma reflexão: Como a revelação cristã tem caráter histórico e ao mesmo tempo não pode ser investigada pelos métodos históricos?

Bultmann não ignorou essa dificuldade e procurou dissipá-la com a famosa distinção entre *Historie* (A Crônica histórica) e *Geschichte* (A História). Nessa divisão ele afirma que

somente a Crônica histórica pode ser submetida à investigação e a constatação do método histórico. Com essa divisão, Bultmann explica os acontecimentos bíblicos que para ele são formados tanto pela Crônica quanto pela História. Ele também é responsável pelo processo da demitização,³ que seria o olhar para as Escrituras sob dois aspectos: o conteúdo e a forma da mensagem bíblica. Para ele, o conteúdo era essencial e imutável, porém a forma possuía uma estrutura (mítica, metafísica e científica), e essa poderia variar de geração para geração.

Demitizar não significa ver Cristo ou sua obra como mitos, mas sim procurar relacionar-se com a mensagem à luz do tempo em que se vive. Cristo, para Bultmann, seria mais que uma personalidade histórica, enxergando nele a própria mensagem bíblica, o ensinamento.

Seu objeto não é, portanto, a vida ou a personalidade de Jesus, mas apenas seu “ensinamento”, sua proclamação. Pouco sabemos sobre sua vida e personalidade, em compensação, sabemos o suficiente sobre sua proclamação para pintar um quadro coerente (BULTMANN, 2005, p. 29).

A teologia bultmaniana é de suma importância para a reflexão contemporânea no que se trata da essência da pessoa de Cristo e da existência do indivíduo em busca da verdade. E as divisões que mapearam as reflexões históricas sobre Cristo e a Bíblia, feitas por Kähler e Bultmann, foram de extrema importância para a explicação teológica dos fatos sobre Jesus contados nas Escrituras.

3 O HERÓI DOS APÓSTOLOS

A tentativa de encontrar o Jesus histórico na vida e nas palavras de homens que já morreram significa alcançar a história, mas não conseguir tocar o histórico.

A história nos conta que o poeta faz o herói. “O herói, no mito, salva o povo do mal, assim como o poeta salva o herói e o povo do esquecimento” (KIERKEGAARD, 1984, p. 117). Nessa perspectiva, os escritores neotestamentários são fundamentais para nos dizer quem é Jesus, pois ele foi o herói dos apóstolos. Todavia, no caso dos apóstolos, o herói fez e salvou os poetas.

³Bultmann oferece uma análise mais exauriente e crítica do tema da demitização no ensaio *Jesus Christ And Mythology*, Nova York (1958).

Eis uma definição de história interessante: “Um conhecimento do passado baseado em testemunhos” afirma McDowell (1989, p. 59). Testemunhos, segundo Schweitzer, que em se tratando dos relatos neotestamentários, foram baseados no anseio de cada apóstolo. Tal fato pode ser demonstrado pelos próprios evangelistas: Para Marcos (65-69), Jesus é o Messias-Cristo escondido e o grande libertador. Mateus (85-90) prega para judeu-cristãos e gregos na Síria. Mateus vê em Jesus o Messias-Cristo profetizado e esperado, o novo Moisés que trouxe um novo Evangelho. Lucas (85-90) escreveu para os gentios e gregos. Jesus é apresentado como libertador dos pobres, doentes, pecadores e marginalizados social e religiosamente. João (90-100) vê em Jesus o Filho eterno de Deus que arma sua tenda entre os homens. Seu Jesus é já plenamente o Cristo da fé.

O evangelho de João é um dos que melhor apresenta Jesus, sendo considerado como “o evangelho puro”. (GULILLET, 1985, p.7). Em João, vemos de forma nítida o caráter metafísico de Jesus.

Segundo Bultmann,

os temas tratados são outros que os dos sinóticos. Em João, Jesus não aparece nem como rabi, que discute questões da lei, nem como o profeta que discute o iminente reino de Deus. Ele fala, antes, de sua pessoa somente como do revelador que Deus enviou. Ele não debate sobre o sábado e jejum, sobre pureza e divórcio, antes fala do seu vir e ir, do que ele é e do que traz para o mundo. (BULTMANN, 2004, p. 432).

Langston postula sobre o fator divindade encontrado no evangelho joanino:

A terceira sentença do prólogo declara que o verbo era Deus: “No Principio era o verbo e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus”. Afirma assim João; é verdade uma certa distinção de pessoas, mas também uma certa identidade de essência entre o verbo e Deus, o Pai. Tem havido muita controvérsia sobre a divindade de Jesus, porém para quem aceite os claros ensinos do evangelho de João, não pode haver a mínima dúvida de que Cristo seja Deus. (LANGSTON, 1955, p. 137).

A crítica histórica tenta encontrar o homem Jesus, mas os relatos dos evangelhos nos mostram mais que um homem em Cristo. Segundo a crítica, “perdeu-se de vista o Jesus histórico devido ao poder transformador da fé cristã, que transformou um profeta judeu em uma divindade encarnada”. (LADD, 2003, p. 571). Entretanto, o que Jesus significou e representou para cada apóstolo não descaracteriza sua realidade, e sim a caracteriza. Já dizia

Josh McDowell: “Como a fé cristã é histórica, se desejarmos investigá-la, teremos que nos apoiar grandemente em testemunhos tanto orais como escritos” (MCDOWELL, 1989, p. 59). As narrativas do Novo Testamento foram registradas por homens que haviam sido testemunhas oculares dos fatos, ou relataram as observações de testemunhas oculares. Um exemplo está na declaração joanina:

O que era desde o princípio, o que ouvimos o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida. Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada (Jo 1.1-3).

A influência controladora das testemunhas oculares nos evangelhos é completamente ignorada pelos críticos da forma. Nas famosas palavras de Vincent Taylor, “Se os críticos da forma estão corretos, os discípulos devem ter sido trasladados aos céus imediatamente após a ressurreição” (LADD, 2003, p. 231). O Jesus descrito pelos apóstolos era tanto humano como divino. Eles criam expressamente na realidade transcendental de Cristo. Só haveria sentido para a proclamação se esperasse mais do que uma liberdade política que poderia ser proporcionada por um Messias estritamente humano. Eles, com certeza, acreditavam na libertação da alma, proporcionada pelo Messias divino. “Eles sabiam claramente a diferença que havia entre o mito, a lenda e a realidade” (MCDOWELL, 1989, p. 61). Desde a crítica liberal em Reimarus ⁴ se defendia a suposta fraude com relação à ressurreição de Cristo, dizendo que a mesma se tratava de uma lenda promovida pelos apóstolos. Porém, “a simples remoção de um corpo de um sepulcro nunca poderia ter transformado seu espírito e caráter. Três dias não são suficientes para o surgimento de uma lenda” (MCDOWELL, 1989, p. 67). A questão é que a crítica histórica se preocupou muito com a razão e se esqueceu de que o Cristo que ela tanto tentou encontrar é o fundamento da fé dos apóstolos e do Cristianismo. Os apóstolos viam em Jesus o Salvador morto, porém ressurreto; esse é o sentido da obra expiatória de Cristo.

Conforme Langston, “para João, bem como para os outros, o fundamento da salvação é a morte de Jesus Cristo” (LANGSTON, 1955, p. 167). Pascal, o filósofo francês do século XVII, descreve: “A alegação de que os apóstolos eram impostores é completamente absurda.”

⁴ Trata-se do filósofo alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768). Ele era professor de línguas orientais de Hamburgo e foi durante a vida um pioneiro literário da religião da razão proposta pelo deísmo inglês.

(MCDOWELL, 1989, p. 66). A maioria dos apóstolos morreu como mártir. Eles acreditavam na realidade e grandeza de Cristo. “Os apóstolos passaram pelo teste da morte para provar a veracidade de suas afirmações” (MCDOWELL, 1989, p. 69). Certamente, homens são capazes de morrer por uma ideologia, pelo que se acredita e isso não deixa de ser uma questão de fé.

O apóstolo Paulo também é um exemplo da relação de um homem com o Cristo vitorioso, ressurreto. O Jesus de Paulo é propriamente o Cristo da experiência, o Jesus da fé. Para Paulo o Jesus exaltado é o Jesus de Nazaré.

Bultmann, cético quanto a fatores miraculosos, diz que Paulo só se preocupou com o querigma. Contudo, Paulo apela ao testemunho ocular para estabelecer a realidade da ressurreição.

O que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze. Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos dos quais vive a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo (1 Co 15.5-8).

“Paulo entende que o cumprimento da vida de Jesus seria incompleto sem a cruz e o túmulo vazio” (LADD, 2003, p.572). Jesus estava na história, mas com sua obra e através do Espírito Santo, foi liberto da localização histórica, podendo ser experimentado por todos em todo o lugar e tempo. “Tudo o que Jesus havia significado na história estava concluído e expandido na pregação do Jesus glorificado” (LADD, 2003, p.573). Assim, o Cristo divino, transcendente, ressurreto e vitorioso inserido na história dos homens e proclamado pelos apóstolos seria o motivo ideal para o fim da busca pelo Jesus histórico.

Paulo declarou: “E, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne (*Kata sarka*), contudo, agora já não o conhecemos desse modo” (2 Co 5. 16). Para Bultmann, “só o Cristo que confronta os homens no querigma é relevante para fé. O Cristo *kata sarka* deve permanecer no primeiro século” (LADD, 2003, p.573). Nesse aspecto, Bultmann concorda com Karl Barth e cita o teólogo em seu livro Jesus:

Quem por acaso ainda não estiver ciente [...] De que não conhecemos mais Cristo segundo a carne, pode pedir à ciência crítica da Bíblia que lho diga, quanto mais radical for o susto que levar, tanto melhor para ele e para a causa. (BARTH *apud* BULTMANN, 2005, p. 16).

Nessa interpretação, temos dois Cristos: o *Christos kata sarka*⁵ (que viveu historicamente na Palestina) e o *Christo kata pneuma* (de acordo com o Espírito). “A ciência preocupa-se com o primeiro, a fé com o segundo” (LADD, 2003, p. 573). Porém, não é necessária a divisão quando a fé e experiência com o Cristo, pois caminham juntas.

4 A FÉ NA PALAVRA

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem” (Hb 11.1). Kierkegaard disse que “Cristo é aquele Um que está sempre presente, com quem o homem de fé se torna contemporâneo, não retornando na história ao Cristo que caminhou sobre a terra, mas tornando-se um com ele e recebendo sua presença no momento, na situação presente” (KIERKEGAARD *apud* HAGGLUND, 1973, p. 324). Uma síntese precisa em se tratando do Jesus da fé.

Calvino, em um de seus sermões, diz que “nossa fé não tem que estar fundamentada no que tenhamos pensado por nós mesmos, mas no que nos foi prometido por Deus” (CALVINO, 2006, p. 133). Como nos relacionarmos com as promessas de Deus sem olharmos para o Cristo prometido por ele nas Escrituras? O homem como ser teológico almeja o relacionamento com o divino, mas a teologia pode se resumir no que a humanidade pensa a respeito de Deus, entretanto em Jesus Cristo vemos o que Deus pensa em relação à humanidade. As Escrituras são a única fonte confiável a respeito de Cristo, por mais questionáveis que elas sejam segundo a crítica. “A Bíblia é a maior fonte de documentação historiográfica reunida em todos os tempos. O Novo testamento se adequa perfeitamente aos três princípios básicos da historiografia. São eles: o teste bibliográfico, o teste da evidência interna e o teste da evidencia externa” (MCDOWELL, 1977, p. 47). Quanto ao teste bibliográfico das Escrituras, Mcdowell afirma:

Aplicando o teste bibliográfico ao Novo Testamento, veremos que ele possui maior base manuscrita que qualquer outra peça literária da antiguidade... Se alguém rejeita a Bíblia por não considerá-la autêntica neste sentido, então

⁵Ladd discorre sobre o *Christos kata sarka* em sua *Teologia do Novo Testamento. Explicando o contraste entre o Jesus histórico e o Cristo glorificado*. (LADD, 2003, p. 573-574).

tal pessoa deve abandonar quase toda a literatura da antiguidade. (MCDOWELL, 1989, p. 49).

Sob a base sólida proporcionada pelos escritos bíblicos, qual seria a necessidade de projetar uma expectativa, ou até mesmo a fé em um Cristo alheio ao retrato do Salvador neotestamentário? A palavra de Deus nos mostra Cristo, e Cristo nos mostra a palavra. Bultmann já dizia: “Em sua palavra, que me atinge aqui e agora, o regimento de Deus sobrevém ao ser humano como um milagre, que, em face desse anúncio do reino de Deus, só pode decidir-se com um sim ou um não” (BULTMANN, 2005, p. 13) Nesse sentido, o encontro gera a experiência, porém, uma experiência com origem no conteúdo da revelação bíblica.

Em contraponto a esse pensamento, a diretriz norteadora das discussões conscienciológicas da modernidade é o princípio da descrença que afirma: não acredite absolutamente nada. Experimente. Tenha suas próprias experiências. No entanto, essa ideologia nos traz à tona o problema da origem da experiência, em uma sociedade onde o místico tem sido a válvula de escape do indivíduo. Existe um grande problema quando pensamos a fé em Jesus em uma perspectiva que não seja baseada no Jesus mostrado pelas Escrituras. Em se tratando da busca pelo Cristo em sua real essência, a fé não pode ser baseada apenas na experiência mística do indivíduo, e sim que essa experiência se fundamente no Cristo da palavra. Caso contrário, estaríamos de frente a dilemas como: Quem foi Jesus Cristo? Quem ele é para a história? Quem ele é para mim? Haveria vários Cristos? Ou um só Cristo? O certo é que Jesus de Nazaré não pode ser encontrado quando se dúvida da sua existência, ou quando se acredita ter ele sido alguém diferente do que foi mostrado pelos apóstolos.

E há como acreditar em sua realidade independente das Escrituras? Improvável, visto que a parte confiável da historiografia sobre a sua vida e obra se encontra apenas na documentação bíblica. Isso faz pensar que somos incentivados a crer na suficiência das informações bíblicas sobre Cristo. E que o ‘algo a mais’ que se tem tentado encontrar no Jesus histórico não é relevante além do que já se compreende no Cristo da fé. O Cristo da fé quando visto sem uma referência, pode ser construído segundo a conveniência da religião. Fora da bíblia se vive uma fé especulativa, baseada na experiência fora da essência. Por isso a verdadeira experiência salvífica só acontece quando o homem é salvo pelo mesmo Cristo que salvou os apóstolos. A fé salvífica se manifesta dessa forma, não em simplesmente se

acreditar em um salvador perdido, mas em crer no Salvador que pode ser encontrado e vivenciado através da experiência do homem com o Cristo da palavra.

No catolicismo romano existe a chamada fé implícita, onde a pessoa é salva por acreditar no que a igreja acredita. Esse foi um dos aspectos pelo qual o movimento da Reforma foi contrário, baseado na afirmação de que todo homem deveria passar pela experiência da graça na fé. Porém, vendo o sentido da fé implícita sob a ótica que estamos abordando, percebemos que em certo sentido também existe a fé implícita nas escrituras, onde só podemos ser salvos se acreditarmos no Cristo que os discípulos acreditaram. A base da nossa fé está na fé dos discípulos. A experiência religiosa ou mística não necessariamente significa experiência com Cristo. O Cristo da fé só pode ser encontrado, não de uma maneira estoicista de dentro para fora, e sim cristocêntrica: de fora para dentro, dos evangelhos para o homem não do homem para o subjetivo.

5 O LOGOS

Não há como falarmos no verdadeiro Jesus da fé sem pensarmos em sua transcendência, e também não há como pensarmos em transcendência sem pensarmos no conceito *logos*⁶.

Em Heráclito as três concepções: “Logos, fogo e Deus são fundamentalmente a mesma. Compreendido como o Logos, Deus é a Sabedoria onipresente pela qual todas as coisas são governadas” (COENEN, 2000, p. 1529). Para os estoicos, “o fogo era a fonte primordial de toda realidade. Esse fogo criativo era concebido como *Logos Espermaticos*, a razão seminal. Eles concebiam, entretanto, de vários *logoi spermatikoi*, as forças responsáveis pelos ciclos criativos da natureza” (COENEN, 2000, p. 1530). Tanto para a filosofia de Heráclito quanto para a concepção teológica dos estóicos, o conceito *logos* conotava uma força superior, transcendental. Contudo, para ambos os casos, Heráclito e os estoicos, o *logos* é impessoal, é uma força, um princípio unificador.

Filo, expoente maior do pensamento judaico-helenista, “usa o termo Logos para expressar o conceito de um mediador entre o Deus transcendente e o universo, um poder imanente, ativo na criação e na revelação.” (COENEN, 2000, p. 1530). A literatura

⁶A gramática, a lógica, a retórica, a psicologia, a metafísica, a teologia e a matemática lhe deram sentido diferente ainda dentro do mesmo campo de ciência. Ver Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento p.1530-1535.

veterotestamentária já vinculava o *logos* ao conceito da Sabedoria personificada, porém, semi-hipostática. Contudo, todos esses conceitos reunidos, quando são vinculados a Jesus Cristo, culminam no prólogo do evangelho de João.

Ladd concorda com a influência filosófica na concepção joanina do Logos:

As sentenças iniciais do prólogo, portanto, ornem-se claramente compreensíveis somente quando admitimos que o Logos, embora traga consigo conotações do conceito veterotestamentário da palavra de Deus, possui também um conceito semelhante ao do conceito estoico, conforme a versão modificada por Filo (LADD, 2003, p. 359).

Dessa forma, o *logos* joanino engloba tanto a expectativa religiosa quanto a filosófica da humanidade. Segundo Ladd, “parece que João deliberadamente apropriou um termo amplamente conhecido tanto no mundo helenístico como no judaico com a finalidade de postular o significado de Cristo” (LADD, 1997, p. 224.). O *logos* joanino é o divino que se materializa, se personifica; que se torna humano. Agostinho diz que João “se refere à divindade de nosso Senhor como nenhum outro fez” (AGOSTINHO *apud* CHAMPLIM, 1979, p. 263). Em se tratando de fé, quando a tendência humana é crer no que se vê, o evangelho de João nos convida a crer primeiramente no que não se vê. O mais importante ao se tratar da cristologia joanina, não é enxergar o nascimento de um homem, mas sim o nascimento de um homem que desde o princípio “era Deus” (Jo 1.1). Isso sintetiza a fé em João.

Logo, o Jesus da fé pode não ter sido o *logos* de Heráclito, mas nele vemos o significado da totalidade do que já se pensou sobre o logos sob uma perspectiva amplamente cristocêntrica. Em João vemos o importante pressuposto divino: o invisível que se torna visível, o ressurreto, a razão, o motivo, o verbo, o pleno Cristo da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desse artigo foi demonstrar a indivisível conexão da pessoa de Jesus Cristo com a fé das comunidades apostólicas e, conseqüentemente, com o cânon do Novo Testamento. Assim, entendemos a fé dos apóstolos como uma expressão memorial concreta

daqueles que andaram com o Cristo e tiveram suas vidas transformadas por ele. E é por causa dessa fé que hoje temos acesso a mensagem salvífica da cruz e da ressurreição.

Também buscamos repensar o verdadeiro significado do conhecer a Jesus, pois as expectativas da sociedade sobre ele refletem as atitudes da própria sociedade. Quando ele se torna tema de reflexão, se pensa em mudança, em descoberta, em revelação e, porque não, conversão.

Vivemos em um sistema onde mentes se ocupam em elaborar vereditos históricos e teológicos em relação à sua pessoa, em que as conjecturas sobre ele têm sido um trampolim para carreiras ‘bem sucedidas’. Porém, é preferível o anonimato com Cristo à fama com a heresia.

Em uma realidade que traz o paradoxo entre a certeza e a dúvida, onde muitos querem descobrir a Cristo, mas poucos querem conhecê-lo, o mundo cético e herético tem dependido de evidências que fundamentem suas convicções. Alguns só se propõem a acreditar na existência e divindade de Jesus se encontrarem algo comprovadamente histórico, já outros, precisam contemplar algo místico que lhes convença. Nesse contexto, a obra realizada por Jesus Cristo relatada por pessoas que experimentaram a sua companhia não tem sido suficiente para ser motivo da fé de muitos. E isso não é de hoje. Os judeus não acreditaram em quem Jesus realmente era:

E da mesma maneira também os principais sacerdotes, com os escribas, diziam uns para os outros, zombando: Salvou os outros, e não pode salvar a si mesmo. Ó Cristo, o Reis de Israel, desça agora da cruz para que vejamos e acreditemos. Também os que com ele foram crucificados o injuriavam. (Mc 15. 31-32.)

Em se tratando de Jesus, o fator fé judaico naquele momento dependia de uma manifestação sobrenatural de poder e grandeza divina. Da mesma forma, existem os que esperam ver a divindade de Jesus na história para se converter a ele. Nesse aspecto, os céticos querem que o Jesus histórico desça da cruz e se salve para crerem que ele realmente é divino. A busca desse algo a mais confronta a suficiência da obra e da mensagem proclamada de Jesus. Não será uma descoberta arqueológica sobre Cristo o motivo da mudança de opinião sobre o que mais importa. A fé do homem não mudaria se a existência de Jesus fosse empiricamente comprovada, pois a mensagem de Jesus não está em acreditar em sua existência, e sim na sua obra. Não somente na sua realidade humana, mas na sua realidade

divina. O tesouro é descoberto não quando encontramos um homem na história, mas sim quando enxergamos nesse homem, Deus na história.

O que mais seria necessário saber sobre Jesus para se crer nele? Que expedição me faria enxergá-lo além do que ele realmente é? A realidade é que um Jesus histórico apócrifo, antagônico à Bíblia, não tem relevância em se tratando do fundamento da fé cristã. O fato é que o Jesus da fé não está preso a estruturas científicas. Enquanto o Jesus histórico está sujeito a questionamentos e conjecturas, o Jesus da fé não se permite prender, ele está livre dos pressupostos. Enquanto o conteúdo do Jesus histórico é restrito ao acesso de poucos, o Jesus da fé se encontra acessível a todos os que creem. Este não morreu só para os eruditos, teólogos e historiadores, ele morreu pela humanidade. Enquanto o Jesus histórico é seguido por um ponto de interrogação, o Jesus da fé é seguido de um ponto final. A única relevância do Jesus histórico seria em encontra-lo a partir do Cristo da história, sendo visto através de um caminho reverso: da história para o histórico e não do histórico para a história.

Em um universo onde o conflito da fé com a razão tem andado ao lado do conflito da fé com a fé, o grande significado estaria no esquecer do Jesus desvinculado das Escrituras e se focar no Cristo relatado pelos apóstolos. Assim poderemos ver tanto a sua humanidade como a sua divindade de forma concreta, tanto a sua humildade como a sua grandeza.

Há uma diferença entre querer se encontrar o Jesus meramente humano, comprová-lo ou não historicamente e querer ser encontrado pelo Cristo ressurreto. Logo, a verdadeira expedição por Jesus deve ser feita na palavra de Deus. Fora das Escrituras, o homem tem tentado encontrar Jesus, ao invés de deixar-se ser encontrado por ele. “Ele morreu, mas ressuscitou, e assim pode nos trazer a dádiva da salvação. Por conseguinte, faz-se necessária a fé para que recebamos essa salvação” (CHAMPLIM, 1979, p. 258). Porque o Cristo salvífico não se encontra congelado na história, mas vai de encontro à história de cada homem a ponto de mudá-la para sempre. Não simplesmente pela comprovação histórica - científica de sua existência, mas sim através da fé no que a própria história conta sobre sua vida e obra.

O Jesus da fé é o Jesus ressurreto, o bíblico. Aquele que ressuscitou no contexto imediato e que provocou a fé dos que quiseram anunciá-lo em seu contexto mediato. É aquele que foi relatado após ter sido contemplado, vivenciado. O Jesus da fé é o Jesus que mudou a vida dos apóstolos. O Jesus da fé é o Jesus histórico a partir de quando a fé é o fundamento para o histórico, e não o histórico é o fundamento para a fé. O Jesus da fé é o Jesus dos púlpitos, à medida que se prega não o que se pensa sobre ele, mas o que está escrito a seu

respeito. O Jesus da fé é simultaneamente complexo e simples, incompreensível teologicamente, mas compreensível ao que se propõe ser compreendido. O que habita no homem e se faz conhecido, não por convicções teológicas e acadêmicas, mas pela simplicidade de crer no que não se explica, mas no que se espera.

Já dizia Rudolf Bultmann:

Naturalmente deve-se admitir que também a compreensão de coisas simples pode trazer dificuldades, o que, portanto não tem sua razão de ser na essência das coisas, mas no fato de termos desaprendido a ver com simplicidade e estarmos por demais onerados com pressuposições (BULTMANN, 2005, p. 32).

Afinal, em meio às buscas e aos anseios, entre a erudição e a simplicidade, ecoam as palavras de Jesus Cristo: “Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé creste: Felizes os que não viram e creram” (Jo 20.29).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Promessas. Vila Hamburguesa. São Paulo: Kings Cross Publicações, 2006.

BULTMANN, Rudolf. *Jesus*. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Editora Teológica, 2005.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Ilson Kayser. São Paulo. Editora Teológica, 2004.

CALVINO, João. Sermones sobre la obra salvadora de Cristo (Sermón 13). In: Costa, Hermisten. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006.

CHAMPLIM, Russel Norman. *Novo testamento interpretado – Volume 2*. São Paulo, Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1979.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GULILLET, Jaques. *Jesus Cristo no Evangelho de João* [Tradução Jean Briant; revisão Evaristo Moreira]. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

HAGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre. Editora Concórdia, 1973.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. In: Os Pensadores. Vol. XXXI. São Paulo: Abril, 1984.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LANGSTON, A. B. *Teologia bíblica do Novo Testamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1955.

MCDOWELL, Josh. *Mais que um carpinteiro*. Belo Horizonte: Betânia, 1989.

MEIER, J. P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZUURMOND, Rochus. *Procurais o Jesus Histórico?* São Paulo: Loyola, 1998.